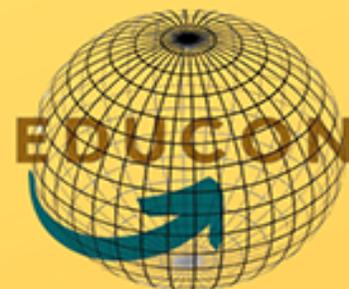




Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 10, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 10 -ENSINO SUPERIOR

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.04>

Recebido em: **03/09/2020**

Aprovado em: **03/09/2020**

EMPREENDEDORISMO FEMININO NO BRASIL E ESCOLARIDADE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA; EMPRENDIMIENTO FEMENINO EN BRASIL Y ESCUELA: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA; FEMALE ENTREPRENEURSHIP IN BRAZIL AND SCHOOLING: A SYSTEMATIC REVIEW

ANGELICA ANTUNES TENORIO

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-4509-7179](https://orcid.org/0000-0003-4509-7179)

MAURO AUGUSTO DOS SANTOS

RENATA BERNARDES FARIA CAMPOS

Resumo: O empreendedorismo feminino tem ganhado espaço relevante no Brasil. As mulheres protagonistas desse fenômeno enfrentam barreiras que reverberam desigualdade de gênero. O objetivo deste trabalho é mapear as produções acadêmicas nos últimos dez anos sobre o empreendedorismo feminino no Brasil, com interseção com o ensino superior. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa, de revisão sistêmica no Portal de Periódicos da CAPES. Constatamos que, apesar da qualificação não ser requisito para empreender, as mulheres têm buscado formação em nível superior mais que os homens. E, embora com maior qualificação, elas ainda se submetem às regras de convenções sociais estruturantes na sociedade.

Palavras-chaves: Mulheres, Empreendedorismo, Ensino superior

Resumen: El emprendimiento femenino ha ganado un espacio relevante en Brasil. Las mujeres protagonistas de este fenómeno enfrentan barreras que reflejan la desigualdad de género. El objetivo de este trabajo es mapear las producciones académicas en los últimos diez años sobre el emprendimiento femenino en Brasil, en intersección con la educación superior. La metodología utilizada es un enfoque cualitativo, de revisión sistémica en el Portal de Revistas de la CAPES. Constatamos que, a pesar de que la cualificación no es un requisito para emprender, las mujeres han buscado más que los hombres una educación superior. Y, aunque con mayor cualificación, ellas todavía se someten a las reglas de convenciones sociales estructurantes en la sociedad.

Palabras clave: Mujeres, Emprendimiento, Enseñanza superior

Abstract: Female entrepreneurship has gained relevant space in Brazil. The protagonists of this phenomenon face barriers that reflect gender inequality. The aim of present research is to map academic productions in the last ten years about female entrepreneurship in Brazil, and its intersection with higher education. The methodology used is a qualitative approach, a systemic review on the CAPES Journal Portal. We found that, although qualification is not a requirement for entrepreneurship, women have sought higher education more than men. Beyond that, even with greater qualification, they still submit to the rules of structuring social conventions in society.

Keywords: Women, Entrepreneurship, Higher education

Introdução

O empreendedorismo no Brasil tem sido um fenômeno que vem envolvendo um público feminino cada vez maior. A prática é recorrente para as mulheres que encontram uma forma de serem independentes financeiramente e de se sentirem realizadas, e vem sendo discutidas no mundo acadêmico como uma questão de oportunidade ou de sobrevivência para as mulheres.

Com a imersão de novos valores e as mudanças de paradigmas no mundo globalizado, as transformações se tornam perceptíveis, favorecendo a inclusão feminina em áreas antes ocupadas somente por homens. Vale ressaltar que, embora tenham ocorrido mudanças, ainda existe muito o que se fazer, pois, por muito tempo as mulheres se viram em uma situação de inferioridade em relação aos homens, principalmente, na esfera intelectual e financeira (LOURO, 1997).

Para modificar a atuação feminina na sociedade, muitas mulheres compreenderam que era necessário se qualificar e dedicar-se aos estudos. Essa compreensão se deu num contexto em que denúncias sobre a situação das mulheres somaram-se a outras pautas dos movimentos feministas, implicando em políticas públicas diversas com vistas à igualdade de gênero.

Portanto, com os movimentos feministas no Brasil ganhando força a partir da década de 1970, as mulheres têm buscado constantemente por uma nova identidade, diferente daquela imposta a elas em séculos passados, que as considerava como submissas. Conscientes de seus direitos, mais decididas e menos submissas, elas procuram na sociedade meios para serem respeitadas e reconhecidas no ambiente público, tornando-se mais qualificadas.

O resultado foi uma escolaridade maior que os homens, subvertendo as normas que ditam as regras convencionais que devem seguir, rompendo com os estereótipos e estigmas da sociedade em relação ao gênero. Mais conscientes e em busca de uma nova identidade, essas barreiras acabaram por impulsionar a vida das mulheres no contexto educacional, bem como no âmbito público (HIRATA E KERGOAT, 2007).

Com mais acesso à educação, as mulheres passaram a desempenhar importante papel no cenário econômico do país com a sua força de trabalho (IBGE, 2018). O recôndito da casa, que antes era predestinado a elas, passa a ter novos contornos e novos desafios: a conciliação entre família, casa e trabalho, a difícil missão de assumir o seu papel criado socialmente e sustentado pelas hierarquias estruturadas (BOURDIEU, 1989). Para algumas mulheres, o empreendedorismo é uma forma de harmonizar suas múltiplas jornadas de trabalho, por proporcionar horário flexível e conciliação com o mundo privado e público.

Para as mulheres, em tempos remotos, nem sempre a liberdade de fazer escolhas nas profissões e o acesso à educação lhes foi garantida. Discutir sobre o empreendedorismo e o acesso ao ensino superior requer refletir sobre as lutas dos movimentos feministas no Brasil a partir na década de 1970, cuja consequência foi a ampliação dos direitos das mulheres no trabalho e na educação, entre outros. O direito de tomar suas próprias decisões foi resultado de intensas lutas.

Este estudo, de cunho qualitativo, se interessa pela temática da correlação entre empreendedorismo e educação, e tem como objetivo mapear as produções acadêmicas nos últimos dez anos, com a temática do empreendedorismo feminino com interseção no ensino superior, por meio de uma revisão sistemática. O texto está dividido em três seções, além dessa introdução. Na primeira, discutimos algumas relações entre empreendedorismo feminino, escolaridade e divisão sexual do trabalho, apresentando o referencial teórico utilizado para a análise dos resultados da revisão sistemática que são apresentados na seção seguinte. Por fim, na última seção, apresentamos as considerações.

Empreendedorismo feminino, escolaridade e divisão sexual do trabalho

Para ser empreendedora, a mulher necessita se articular com as pessoas de suas redes de relacionamentos, desenvolver a criatividade e buscar sempre por inovações. No dicionário de Administração (DUARTE, 2011), a palavra empreendedor é descrita por pessoa que inova, sendo criativa, talentosa, utilizando de recursos próprios para instalar um empreendimento, tendo capacidade e coragem para assumir riscos a partir de uma oportunidade ou uma necessidade. A pessoa empreendedora deve estar preparada para assumir riscos, quer sejam financeiros, psicológicos ou sociais, pois a empresa vai demandar muita dedicação e responsabilidade, por ocupar boa parte da vida social do empreendedor, principalmente nos primeiros anos da sua inserção no mercado de trabalho, até que esteja estabilizada e reconhecida no mundo dos negócios.

O aumento no número de mulheres empreendedoras no Brasil é um fenômeno recente, assim como a ascensão educacional feminina, que tornou propício o envolvimento das mulheres no mundo dos negócios. As universidades têm fomentado e oferecido cursos de empreendedorismo, assim como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2018), que trabalha com o pequeno e médio empreendedor nacional, estimulando e capacitando o empreendedor na sua tomada de decisão.

As mulheres, ao longo da sua trajetória, por reconhecimento dos seus direitos, vêm de forma paulatina ganhando lugares de destaques na sociedade, embora romper com padrões de regras convencionais criadas pelas organizações hierarquizadas não seja tarefa fácil, por vivermos em uma sociedade baseada no sistema patriarcal, conforme denunciado por Menezes e Oliveira (2013, p. 430):

As formas de organização da sociedade brasileira ainda assentam fundamentalmente no patriarcalismo e na tradição. A família e as organizações familiares são, portanto, o espaço inicial a ser considerado como palco da representação de mulheres que se inserem em um universo tradicionalmente masculino.

Segundo Araújo et. al. (2012), no Brasil, o fenômeno empreendedor iniciou na década de 1990, o que possibilitou mudanças nas áreas cultural, social, econômica, educacional, política e tecnológica. O mundo passa cada vez mais rápido por transformações que propiciam mudanças de hábitos na população, e nesse contexto, algumas mulheres, por necessidade ou oportunidade, se sentem encorajadas a se arriscarem no mundo dos negócios, antes ocupado somente pelos homens.

Dados do IBGE (2018) demonstram, de maneira geral, que as mulheres são mais ocupadas que os homens com afazeres domésticos e no cuidado com os outros. Por terem que transitar no mundo do trabalho no âmbito público, dividindo o seu tempo no âmbito privado, acabam por receber menos que os homens. Assim, a falta de apoio familiar constitui-se em mais um empecilho para as mulheres que vivem uma tripla jornada de trabalho.

Para entender um pouco melhor as adversidades da inserção das mulheres no mercado de trabalho e na esfera pública, buscamos argumentos em Bourdieu (1989), que trabalha o conceito do poder simbólico e como ele é atuante na sociedade junto com a violência simbólica. Esse tipo de violência fica explícita, por exemplo, nas hierarquias entre homens e mulheres, organizando a história no espaço e no tempo. Esse poder é tão invisível que, no senso comum, as palavras de depreciação ao gênero feminino em relação a seus comportamentos, suas habilidades e aptidões tornaram-se estruturadas e corriqueiras na sociedade sexista.

Hirata (2002) releva-nos como a violência simbólica se faz presente na vida das mulheres. Com pesquisas realizadas no Brasil, Japão e França, a autora ressalta que a divisão sexual do trabalho está presente da mesma forma, e problematiza como as mulheres são consideradas incapazes tecnologicamente. Os homens são considerados mais qualificados, mesmo possuindo escolaridade inferior à das mulheres, o que contribui para que as assimetrias de gênero estejam presentes em todos os segmentos. Entretanto, dados compilados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) demonstram que as mulheres representam 60% da força de trabalho no Brasil.

Ressalta-se que as mulheres já são maioria nas universidades, representando 55,2% dos ingressantes, e os homens 44,8% (INEP, 2018). Nas matrículas, elas representam 57,0% e eles 43,0%, e em relação aos concluintes, representam 61,1% desses, enquanto os homens 38,9%. Os cursos de maior predominância entre as mulheres são pedagogia, direito e administração. A “preferência” das mulheres que acessam o ensino superior pela área da educação tem a ver com o lastro histórico, sobre o qual Gouveia, citado por Bruschini (1988), nos lembra que “Até 1930 o magistério era a única profissão feminina respeitada e a única forma institucionalizada de emprego para a mulher de classe média” (p. 6). Por outro lado, a distribuição atual de mulheres em cursos superiores de outras áreas revela algumas rupturas na escolha dos cursos superiores pelo gênero feminino.

Fato é que o percentual de mulheres na faixa etária entre 25 e 44 anos que completaram a graduação é 37,9% superior aos homens (IBGE, 2018). Portanto, o acesso à educação possibilitou a ascensão gradual das mulheres nas universidades, trazendo mudanças nos cenários econômico, social e cultural. Entretanto, como ressalta os dados do IBGE, nos setores tecnológico e político ainda há uma longa caminhada a ser percorrida.

As formas de pensar e agir mudaram profissões, umas desapareceram e outras surgiram. A economia e o mercado tornaram-se diversificados e flexíveis, mas há predominância de algumas profissões que precisam quebrar os paradigmas, rompendo com as estruturas da divisão sexual do trabalho (HIRATA, 2002).

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2018) demonstra que o número de mulheres que empreenderam por oportunidade foi de 55,6% no ano de 2018. Com relação à escolaridade, tanto mulheres quanto homens que empreendem, em sua maioria, possuem o ensino médio, todavia, as mulheres têm maior escolaridade que os homens, de modo geral. Romper com os paradigmas leva tempo, mas nota-se que as mulheres têm conquistado seus lugares na esfera pública da sociedade se tornando visíveis, quebrando certos tabus, assumindo cargos no mercado de trabalho antes ocupados somente pelos homens. Ademais, a despeito de possuírem maior qualificação, as mulheres precisam comprovar para a sociedade a todo instante que são tão competentes quanto os homens.

Outro dado relevante neste estudo, que corrobora nossas inquietações em relação à temática, são as áreas de atuação das mulheres no empreendedorismo. Elas aparecem com maior atuação no setor de vestuário e acessórios, serviços domésticos, no ramo de cabeleireira e atividades relacionadas a tratamento de beleza (GEM, 2018). Evidencia-se, portanto, que mesmo no empreendedorismo, a divisão sexual está presente, marcada por relações de poder, de forma invisível na sociedade que estereotipa a força de trabalho feminino, reproduzindo o preconceito em relação ao gênero. No mundo dos negócios, ainda prevalece a imagem da mulher como frágil, dócil, emocional e irracional, estereótipos que foram produzidos para a manutenção das mulheres no âmbito privado.

Constata-se que as áreas de maior atuação feminina continuam sendo aquelas que fazem extensão ao lar, com cuidados e beleza, enquanto as ações de empreendedorismo masculino se direcionam, em sua maioria, a serviços especializados em construção e área automobilística (GEM, 2018). A divisão sexual do trabalho ainda é uma prática persistente na sociedade, dificultando a atuação das mulheres em áreas estigmatizadas como sendo de predominância masculina, reforçando a reprodução do preconceito ao gênero feminino, embasado nos moldes de uma sociedade patriarcal.

Deve-se ressaltar que, de algum modo, as mulheres acabaram por contribuir com a segregação dos gêneros, atuando em guetos considerados femininos, nos quais a docilidade e a fragilidade são entendidos como inerentes às mulheres, deixando aqueles em que a virilidade, a competitividade, as decisões assertivas e o raciocínio lógico são mais valorizados para os homens.

Portanto, a divisão sexual do trabalho, enquanto categoria de análise, permite os lugares sociais atribuídos aos homens e às mulheres. Permite incorporar, nessa análise, a articulação entre trabalho doméstico e trabalho assalariado, espaço privado e espaço público, produção e reprodução. Concebe as relações entre homens e mulheres como vivenciadas e pensadas como gênero masculino e feminino, oriundos da construção histórica e das relações sociais nas quais estão presentes as relações de poder (PEREIRA e FIDALGO, 2007, p. 118).

Hirata (2002) problematiza a compreensão de que o trabalho feminino requer habilidades femininas, pois as mulheres são vistas como seres frágeis, incapazes de se defenderem sozinhas, sendo poupadas dos serviços sujos, pesados e insalubres. A elas são atribuídas características de docilidade e submissão, aos homens raciocínio lógico e agressividade, por serem considerados mais racionais. Nesse sentido, a eles também é atribuído um espírito mais empreendedor que às mulheres.

Pereira e Fidalgo (2007) observaram que as profissões consideradas masculinas garantem maior independência econômica e prestígio social. Em contraposição, às profissões com peculiaridades femininas não são valorizadas da mesma forma por serem associadas ao cuidado e à educação. Os ditos guetos femininos continuam se reproduzindo, criando estereótipos para determinadas profissões, conforme já dito.

Observando atentamente a sociedade, pode-se constatar as persistentes assimetrias de gênero, que naturalizam a divisão sexual do trabalho. Hirata e Kergoat (2007) argumentam que na sociedade os trabalhos privados parecem ser organizados a partir de aptidões, capacidades e desempenhos distintos entre os gêneros. Nessa perspectiva, observa-se uma desigualdade, imposição e submissão em relação às funções desenvolvidas por homens e mulheres, reverberando relações de poder.

Os discursos médicos foram se propagando de forma natural, sendo elas reprodutoras biológicas, que deveriam cuidar dos filhos e da família. Analisando esse discurso, percebe-se a atuação das relações de poder entre os sexos. As histórias das mulheres foram delimitadas a partir da aceção masculina, com o amparo dos médicos higienistas do século XIX e das instituições religiosas. Para Louro (1997), as mulheres foram relegadas na esfera social e política, o que teve como consequência a invisibilidade feminina.

A busca pela equidade de gênero se faz dessa forma em medir forças entre o masculino e o feminino, o que perpassa a ideia de que os sexos estão em constante conflito. Logo, a superação das diferenças entre homens e mulheres não se faz somente no plano político e econômico, é preciso haver “mudanças na microestrutura que perpassa cotidianamente as relações sociais e nas representações ideológicas acerca das diferenças” (AMEIDA, 1998, p. 42). O presente trabalho, considera, portanto, que as relações de poder foram sendo construídas e fortalecidas de forma temporal e espacial. Assim como Scott (1990), consideramos gênero como uma categoria de análise, no qual as relações de poder estão atuantes na sociedade, enveredando-se nas manifestações das desigualdades entre os sexos.

Scott (1990) afirma que as significações de gênero e poder são construídas reciprocamente, as formas desenvolvidas por esses conceitos estão representadas na sociedade por meio das relações de poder nas estruturas sociais, econômicas, culturais, políticas e tecnológicas. A questão de gênero não deve ser pautada nas atribuições biológicas, na separação do sexo masculino e feminino, dado que o

gênero vai além, são relações de poder estruturadas no âmbito da sociedade. Evidencia-se que os discursos do patriarcalismo, da medicina e da religião, convenceram as mulheres a exercerem um papel secundário na sociedade, permanecendo, proliferando e legitimando os ditos guetos femininos.

Empreendedorismo feminino e escolaridade: uma revisão sistemática

O presente estudo é qualitativo, por meio da revisão sistemática de literatura (FERENHOF e FERNANDES, 2016). Foi realizada uma busca sistemática no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), durante o mês de junho de 2020. Os termos de busca utilizados foram “mulheres” AND “empreendedoras” AND “ensino superior”, com recorte temporal dos últimos dez anos, filtrando somente artigos publicados em periódicos revisados por pares.

A busca retornou inicialmente 48 resultados. Desse conjunto, 41 artigos tratam somente a questão do ensino, não tendo como foco o empreendedorismo; sete artigos abordam empreendedorismo e ensino superior, e desses sete, três artigos apresentam a intersecção entre gênero, empreendedorismo e escolaridade.

Os quatro artigos que não têm gênero como recorte (SCARPIN et al, 2013; ARAÚJO et al, 2012; MAURO et. al. 2017; CRESTANI, CARVALHO, CARRARO, 2019) recomendam que as Universidades e as IES devem incrementar a disciplina de empreendedorismo, para que os alunos, após concluírem os cursos, sejam de administração, ciências contábeis ou outro, não se aventurem no mercado como empreendedores sem perspectivas de longevidade das empresas.

De modo geral, concluem que com o subsídio das universidades em prepará-los para empreender e com incentivo de políticas públicas adequadas, esses recém egressos podem ter condições de resolverem problemas típicos do ramo empreendedor com agilidade e facilidade.

A pesquisa realizada por Crestani, Carvalho e Carraro (2019, p. 44) no curso de ciências contábeis, não tem gênero como recorte, entretanto evidencia que “o grupo masculino demonstra maiores intensões empreendedoras (...) maior confiança em gerir e resolver os problemas de um negócio”, e ressaltam “a menor confiança das mulheres em empreender” (CRESTANI, CARVALHO, CARRARO, 2019, p. 44). Esses dados reforçam papéis criados socialmente e sustentados pelas hierarquias estruturadas, conforme nos alerta Bourdieu (1989), assim como a divisão sexual do trabalho já problematizada por Hirata (2002). Por outro lado, o trabalho de Gimenez; Ferreira; Ramos (2017, p. 51) destaca que “as empreendedoras se mostram autoconfiantes e têm alto grau de comprometimento com suas empresas”.

O empreendedorismo é também destacado por Gimenez; Ferreira; Ramos (2017) como fonte de satisfação para as mulheres e estas percebem que têm uma boa qualidade de vida. Entretanto, Menezes e Oliveira (2013) apontam que os desafios para as empreendedoras são muitos e afirmam que, para se fazerem respeitadas no mundo considerado masculino, as mulheres utilizam símbolos próximos do universo dos homens, adotando posturas, vestimentas e comportamentos semelhantes aos deles. Apesar da luta pela equidade de gênero, o poder simbólico se faz presente na sociedade de maneira sutil, o que replica as relações construídas ao longo da espacialidade e da temporalidade, rompendo com algumas estruturas e reforçando outras.

De modo geral, as publicações científicas mostram que os tipos de ação empreendedora realizadas pelas mulheres relacionam-se com os dados do INEP (2018) e GEM (2018), destacando-se relações com o cuidado, a educação e bem-estar. O gênero feminino aparece expressivamente em atividades voltadas para restaurantes, serviços domésticos, comércio varejista de artigos de vestuário e acessórios e cabeleireiras (GEM, 2018).

(...) ainda que a fundação da empresa foi um evento marcante nas trajetórias das mulheres e o exercício de múltiplos papéis, com uma mistura de lares e negócios na vida das empreendedoras, ponto frequentemente citado em outros estudos sobre o empreendedorismo feminino (GIMENEZ, FERREIRA E RAMOS, 2017, p. 60).

Além da falta de experiência no ramo, o cuidado com os filhos pequenos, falta de tempo para participar em redes, dificuldades na obtenção de capital e falta de apoio da família figuram como dificuldades enfrentadas pelas mulheres empreendedoras. Hoje, percebe-se que os homens têm compartilhado mais com as mulheres as responsabilidades da casa e dos filhos, porém o sentimento de culpa ainda permeia a mente feminina, assim elas se culpam pela falta de atenção dada aos filhos e à família, sendo um empecilho para empreender (GIMENEZ, FERREIRA E RAMOS, 2017).

Scarpin et. al. (2013), por sua vez, argumentam sobre a importância dos estudos que tratam do empreendedorismo e sua relação (ou falta da mesma) com a educação formal. Assim, a educação formal, mesmo não sendo uma condição para iniciar um empreendimento, se constitui num importante suporte na lida com os problemas a serem enfrentados pelos empreendedores.

A educação também é apontada como saída para as dificuldades quando se pretende conseguir o espaço almejado no mundo dos negócios, configurando, mais um tema, um percurso semântico em que a busca da qualificação profissional é essencial para legitimar a mulher vencedora (MENEZES, OLIVEIRA, 2013, p. 438).

Nos artigos de Menezes, Oliveira (2013), os autores ressaltam que as mulheres com curso superior têm mais facilidade de resolverem questões inerentes ao ramo empreendedor dos que as mulheres com baixa escolaridade, portanto, as empresas de mulheres mais escolarizadas têm possibilidade maior de o negócio dar certo, quando comparado com as mulheres com ensino básico. Mulheres com pouca escolaridade têm mais dificuldade em empreender e adquirir empréstimos, o que contribui para que seus negócios fracassem ou permaneçam na informalidade.

Mauro et. al. (2017) trata justamente da importância da educação, particularmente na modalidade de Ensino a Distância (EAD), para a qualificação empreendedora. Esses autores demonstram a predominância do gênero feminino na modalidade EAD, da mesma forma que o Censo do Ensino Superior (INEP, 2018). Segundo esses autores, no Brasil, essa modalidade passa por transformações tecnológicas avançadas, sendo que os menores valores das mensalidades e a flexibilidade de horários são atrativos para o crescente número de alunos com ensino superior no Brasil, dado que tornaram-se mais acessíveis que os cursos superiores convencionais.

O ensino a distância surge então como a resolução de problemas para aquelas que necessitam estudar e ampliar seus rendimentos mensais, uma vez que muitas das mulheres que optam pela EAD são chefes de família e necessitam ampliar a renda (MAURO et. al., 2017). A modalidade EAD tanto na graduação quanto na Pós-graduação tem expandido de forma rápida e ganhado visibilidade.

Dessa forma, assim como no passado, a licenciatura se tornou atrativa para as mulheres devido à maior acessibilidade financeira, retorno rápido, bem como a conciliação entre família e trabalho. A EAD e o empreendedorismo feminino seguem rumo similar por uma questão de oportunidade para algumas e necessidade para outras. Os resultados esperados é que muitas empresas lideradas por mulheres saiam da informalidade e imprimam novos investimentos no mundo dos negócios, com empreendedoras capazes de tomar decisões mais assertivas e eficazes, desmistificando a ideologia do seu papel de segundo plano na economia do país.

As mulheres têm buscado empreender por diversas razões, sejam para garantir o sustento das famílias, questão de oportunidade no mercado de trabalho, pela insatisfação de experiências encontradas em empregos anteriores, por realizações profissionais e pessoais, flexibilidade no horário de trabalho, ou para ganhar dinheiro. Todas essas razões são descritas nos artigos selecionados, que aparecem como indicadores para a decisão de empreender e ser tornarem independentes financeiramente, tornando-se suas próprias empregadoras.

Entretanto, nas entrevistas realizadas por mulheres empreendedoras do Rio Grande do Norte, a flexibilidade de horário e o medo de assumir riscos foram de menor impacto, refutando outras pesquisas e estudos realizados nas demais regiões quanto à autoconfiança e ao medo do fracasso por empreendedoras. Machado, Gazola e Anez (2013, p. 187) afirmam que “uma das explicações para esse assunto pode estar associada à experiência prévia na informalidade e em outras empresas”. Segundo esses autores, capital inicial reduzido e pouca escolaridade não favorecem o crescimento das empresas criadas, e o principal motivo para empreender é porque as mulheres queriam ganhar muito dinheiro (MACHADO; GAZOLA; ANEZ, 2013).

Discutir o empreendedorismo feminino é considerar as mulheres como parte do mercado de trabalho em expansão de novos projetos, tirando-as da invisibilidade que por muito tempo foram sujeitadas, é reaprender a lidar com suas relações familiares, é sentir que a desvalorização do trabalho feminino em relação ao trabalho masculino não acabou e que os estereótipos continuam repercutindo em pleno século XXI, e que, apesar da existência de alguns avanços no mercado de trabalho, as mulheres ainda se deparam com entraves no âmbito público no mundo dos negócios.

Destacamos, também, que as pesquisas revelam que as mulheres abrem sua própria empresa por realização pessoal e oportunidade de mercado, conforme apontado por Gimenez, Ferreira e Ramos (2017), mas a insatisfação das mulheres com as condições anteriores de trabalho e renda (Machado et al., 2013) ou por uma questão de sobrevivência, como separação ou morte do esposo, também comparecem entre as motivações para o empreendedorismo feminino (MENEZES; OLIVEIRA, 2013). Entre as mulheres empreendedoras, a educação é apontada como essencial para sobressaída mais exitosa no mundo dos negócios, legitimando a mulher de sucesso e vencedora. (MENEZES; OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, as mulheres de menor escolaridade encontram-se no grupo daquelas que lutam por sobrevivência, tendo passando em algum momento específico na vida problemas familiares, evidenciando mais uma vez a importância da formação para as empreendedoras, para quem a falta de qualificação dos funcionários encontra-se justamente entre as principais fontes de insatisfação.

Por fim, nossa revisão revela que, num cenário em que o fenômeno do empreendedorismo feminino tem ampliado sua atuação no Brasil (IBGE, 2018), a região sul destaca-se nas pesquisas, totalizando aqui quatro dos sete artigos encontrados (SCARPIN, et al., 2012; CRESTANI; CARVALHO; CARRARO, 2019; GIMENEZ; FERREIRA; RAMOS 2017; MENEZES; OLIVEIRA, 2013). A região sudeste é curiosamente pouco contemplada, uma vez que é a maior em aspecto populacional. Como moradores de Minas Gerais, causa-nos estranhamento, o fato de o estado não comparecer em estudos no retorno das buscas realizadas no portal da CAPES. Posteriormente, será interessante pesquisar o cruzamento dos números de empreendimentos e gênero nessa região, uma vez que, a região sudeste é também detentora de bons indicadores de desenvolvimento econômico no país.

Considerações finais

O empreendedorismo feminino é um fenômeno que tem crescido no país, fenômeno este que ganhou visibilidade a partir da década de 1990, proporcionando transformações nos setores econômicos, sociais, culturais, políticos e tecnológicos. Essa nova modalidade feminina econômica tem sido relevante para a reorganização no mundo dos negócios, no qual antes não seria possível a presença feminina por perpetuar na imaginação da população que o espaço público era adequado somente para

os homens, e o espaço privado, a casa, era destinado para a mulher. As transformações sociais na atuação feminina, o acesso à educação cada vez mais elevado e o domínio do seu próprio corpo por meio das pílulas anticoncepcionais deu mais liberdade à mulher para administrar melhor suas vidas, além de tomar suas próprias decisões. E aos poucos, as mulheres adentraram no mercado de trabalho em outras áreas profissionais julgadas e construídas para o gênero masculino. Evidencia-se, que as assimetrias de gênero ainda são percebidas em nosso meio, porém com menos intensidade como no passado.

Os artigos dialogam entre si e explicitam que os homens mostram-se mais seguros para investirem, e fazendo empréstimos mais altos, começam com um capital maior que as mulheres, a despeito da maior escolaridade destas. Algumas estruturas são persistentes em relação ao tempo, dado que, apesar das transformações propiciadoras de acesso à educação e ao mercado de trabalho, as relações de gênero e poder ainda são visíveis no ramo empreendedor.

A produção científica encontrada evidencia que no ramo empreendedor pode-se avançar mais em relação ao gênero feminino, rompendo com o preconceito e com a extensão do lar no mundo dos negócios, assim como a divisão sexual do trabalho. A segregação de predominância no mundo do trabalho reverbera a ideologia de que as mulheres estão associadas às áreas consideradas afetivas e os homens às áreas racionais e lógicas. Com a expansão feminina no mercado de trabalho e maior qualificação que os homens, as mulheres ainda se submetem à divisão sexual do trabalho, corroborando a ideia de que o mundo masculino é mais organizado que o mundo feminino.

Com muitas lutas, as mulheres tentam desmistificar a incapacidade intelectual, a que foi atribuída por meio dos discursos higienistas. Apesar dos esforços, esbarram-se nas dificuldades da conciliação do trabalho doméstico, a preocupação com a família, e principalmente com os filhos, sendo um impedimento para dedicação maior no mundo dos negócios, resultando em menor retorno financeiro. Para muitas, existe o sentimento binário entre ser realizada profissionalmente, o que contrapõe à felicidade pessoal, ou vice-versa.

As mulheres já conseguiram avançar em muitas áreas, conquistando seu direito e se fazendo presentes em áreas antes ocupadas somente pelos homens, mas há muito a ser conquistado. Romper com os estereótipos e estigmas requer persistência e estratégias, e o empreendedorismo feminino viabiliza uma nova configuração para o gênero feminino, sem dualismo entre os sexos, em que direitos, valores, reconhecimento profissional e intelectual sejam respeitados mutuamente, criando ambientes mais igualitários, humanizados e justos entre homens e mulheres.

De modo particular, a EAD apresenta-se como uma importante fonte de qualificação para mulheres empreendedoras, tanto no nível de graduação quanto de pós-graduação. A qualificação, que não é um quesito para a abertura de um empreendimento, mostra-se importante para que este não fracasse, sendo apontada como saída para as dificuldades. Portanto, as mulheres têm investido mais na formação em nível superior do que os homens, estando as mulheres com menor escolaridade entre aquelas que empreendem por uma questão de sobrevivência associada a problemas familiares. Por fim, a educação se configura como forma de legitimar a mulher vencedora.

Agradecimentos: à professora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza pelas contribuições na elaboração e execução da proposta, assim como pelas considerações na primeira versão do texto.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Jane Soares de. A feminização do magistério: alguns mitos e as possíveis verdades. In: **Mulher e Educação: a paixão pelo possível**. São Paulo; UNESP, 1998. p. 63-84.

ALMEIDA, V.C.D; SANTOS, C.M.M. Trabalho, Carreira e Maternidade: Perspectivas e Dilemas de Mulheres Profissionais Contemporâneas Administração: **Ensino e Pesquisa**, vol. 19, núm. 3, 2018, Setembro-Dezembro, pp. 583. Disponível em: . Acesso em: 19 mai. 2020.

ARAUJO.R.M; OLIVEIRA.F.P; CHRISTO,R.S;SILVA.D.O. Empreendedorismo: Uma Investigação Na Evolução Da Perspectiva Empreendedora Dos Estudantes De Uma IES Privada No Rio Grande Do Norte. **Estratégia& Negócios**. Florianópolis, SC, v.5, n.1, p.28-66, jan/abr. 2012. Disponível em: . Acesso em: 26 jul. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 07-16.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em: . Acesso em: 05 jul. 2020.

BRUSCHINI;M.A; AMADO;T. **Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério**. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Cortez/ Fundação Carlos Chagas, nº64,p.4-13,fev.1988. Disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2020.

CRESTANI,J.S; CARVALHO,C; CARRARO.W.B.W.H. Empreendedorismo na Universidade: Perfil e Potencial Empreendedor dos Alunos de Ciências Contábeis. **Revista Expectativa**. Rio Grande do Sul,v.18,n.1, p.44-70, jan/ jun.2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/21401/14744>. Acesso em: 26 jun. 2020.

DUARTE.G. **Dicionário de Administração**, edº Digital, 2011, p.403. Disponível em: . Acesso em: 06 jul. 2020.

FERENHOF;H.A; FERNANDES;R.F Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC, v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov. 2016.

FIDALGO;F;PEREIRA;J.S.F. A Gestão do trabalho e o desenvolvimento de competências segundo o sexo. IN: **Educação Profissional e a lógica das competências**. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 206p.

GIMENEZ, F.A.P; FERREIRA.J.M; RAMOS.S.C. Empreendedorismo Feminino no Brasil: Gênese e Formação de Um Campo de Pesquisa. **REGEPE**, Curitiba, PR, v.6, n.1,p.40-74,Jan/Abr.2017. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2020.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR.2018. **Análise dos Resultados por Gênero.** Curitiba: IBQP,2019. Disponível em: . Acesso: 05 jul. 2020.

HIRATA,H; **Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade.** São Paulo: Boitempo, 2002.p. 335.

HIRATA,H; Kergoat, D. Novas Configuração da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, nº 132, p. 595-609, set/dez.2007. Disponível em: . Acesso: 05 jul. 2020.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estudos e Pesquisas, Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil nº 38**, 2018. Disponível em: . Acesso: 05 jul. 2020.

LOURO,G.L. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista- Petrópolis, RJ, **Vozes**, 1997.p.14-36 .Disponível em: . Acesso em: 17 ago. 2020.

MACHADO, H.P.V; GAZOLA.S; ANEZ.M.E.M. Criação de Empresas Por Mulheres: Um Estudo Com Empreendedoras Em Natal, Rio Grande do Norte. **RAM**, São Paulo, SP, v.14, n.5,p.177-200,mar/2013. Disponível em: . Acesso em: 26 jun.2020

MAURO, R.A; FREITAS,R.A; CINTRÃO,J.F.F; GALLO,ZILDO. Educação a distância: contribuições da modalidade para uma qualificação empreendedora. **Revista de Gestão e Projetos-Gep**, vol.8,n3. p.118-228, set/out.2017. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2020.

MENEZES, R.S.S; OLIVEIRA,J.L . Análise do Discurso De “Mulheres De Negócio” Associadas À Business Professional Women. **REGE**, São Paulo-SP, v.20, n.4 p.425-440, out/dez. 2013. Disponível em: . Acesso 26 jun. 2020.

SCARPIN,M.R.S; RONCON.A;CORREIA;R.B, HOELGEBaum. Proposta de Indica-dores para Um Observatório de Empreendedorismo no Brasil. **Estra-tégia&Negócios**. Florianópolis, SC, v.5,n.3,p.90-121,set/dez.2012. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2020.

SEBRAE. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas**. Disponível em: . Acesso: 18 ago. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol.15, nº 2, jul/dez.1995. p. 71-99. Disponível em: . Acesso em: 26 jun. 2020.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território - GIT da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. E-mail: angelica-antunes@hotmail.com.

** Professor do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território - GIT da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. E-mail: mauroasantos@gmail.com.

*** Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Gestão Integrada do Território - GIT da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE. E-mail: rbfcampos@gmail.com.

Apoio: CAPES - Código de Financiamento 001. Este artigo é fruto das atividades da disciplina Fundamentos da Ciência e da Pesquisa do PPG Gestão Integrada do Território/Univale